

PELO MUNDO

CRISTINA RUIZ KELLERSMANN, de Berlim

Mica Moca

Mica Moca Project Berlin é um espaço temporário experimental que está dando o que falar na cidade. Um “milagre de verão” na opinião de Christophe Knoch, um dos fundadores do local, aberto em maio deste ano para durar apenas cinco meses. A história começou em um dia de inverno, quando Christophe Knoch e Frederic Wake-Walker avistaram da janela do trem metropolitano da cidade uma fábrica abandonada no bairro de Wedding. Curiosos, enfrentaram a neve e foram investigar o espaço. Desativado há dez anos, o complexo de 6.500 m² construído em 1873 já abrigou marcenaria, fábrica de cofres, molduras e até lavanderia de casacos de pele.

Christophe conta que tudo aconteceu muito rápido. A primeira visita ao local foi em janeiro. Em abril, após um jantar com o proprietário da fábrica, veio a resposta de que poderiam ter o espaço sem custo de aluguel. A equipe só tinha que se preocupar com luz elétrica, fornecimento de água e segurança das instalações dos três prédios da fábrica. Em maio, o Mica Moca foi inaugurado e fica lá até o fim de setembro, pois o dono, o arquiteto e colecionador de arte italiano Mariano Pichler, tem outros planos para o local: uma aldeia cultural para arte, design e cinema nos moldes de outro projeto seu em Milão.

Foi um golpe de sorte para um grupo de entusiastas que mal se conheciam e praticamente do nada criaram um centro cultural com espaços amplos para todo o tipo de projeto: exposições, instalações, ensaios, performances, espetáculos de teatro, dança, ópera e música. “O incrível disso tudo é um contrato que diz que podemos ou não fazer algo aqui. Podemos usar o espaço, mas não temos obrigação de usar o espaço. Temos liberdade e damos liberdade aos artistas”, disse Christophe em um bate-papo no café do Mica Moca, em um fim de semana cuja programação dedicava-se a um coletivo de Varsóvia.

O local chamou a atenção já na abertura, dia 8 de maio, atraindo um público de 600 pessoas. “Antes de abrir as portas, criamos uma página na web e postamos no Facebook um chamado para a Festa da Limpeza. Umhas 20 pessoas apareceram para ajudar. Não tínhamos dinheiro para contratar serviços. A Ópera Cômica de Berlim nos cedeu 85 cadeiras e uma empresa de técnica de luz e som nos emprestou equipamento de primeira linha. Ganhamos uma máquina de café expresso e um congelador. Um piano para concerto que estava parado nos foi oferecido em empréstimo a longo prazo. Os serviços dos engenheiros e dos bombeiros foram de graça. O local é totalmente legal. Temos permissões e mapas de saída de emergência. Um pequeno milagre!”, contou orgulhoso Christophe, um dos cabeças do projeto.

As coisas foram se encaixando de tal forma que o resultado não poderia ser diferente. Berlim é uma cidade aberta, onde as pessoas também estão abertas para absorver novas ideias. É aqui que muitos artistas vivem ou se encontram para criar. Muitos grupos de fora querem se apresentar aqui. Nos eventos no Mica Moca, a divisão da bilheteria é 60% para os artistas e 40% para o projeto. A entrada de espetáculos custa em média €5 e

as exposições em geral têm entrada gratuita.

Em quatro meses de funcionamento, o Mica Moca já recebeu propostas de quase mil artistas, projetos e coletivos. Por lá, já passaram artistas de 35 nacionalidades: Brasil, Japão, Canadá, Polônia, Itália, França, Espanha, China e muito mais. São projetos sendo apresentados todos os dias.

Os artistas chegam sozinhos ou em bandos. O Labor-Berlin, coletivo que experimenta com revelação manual de película Super 8 e 16mm em um local pertinho dali, ocupou o Mica Moca por quatro dias no início de agosto. A exposição “Intricate machines” reuniu instalações, projeções e performances de mais de 20 artistas. O casal de brasileiros Melissa Dullius e Gustavo Jahn mostrou dois trabalhos em 16mm: a instalação “Guerrero” e a performance “Éternau alterstereo”. A dupla que também assina como Distruktur irá ao Rio no fim deste ano mostrando um programa com produções recentes no Festival Curta Cinema.

A partir da experiência do Mica Moca está claro que existe um grande número de artistas em Berlim necessitando de um espaço como esse, voltado a projetos experimentais e baseados no processo. O modelo do Mica Moca como “gerador de arte experimental” se baseia em três elementos: espaço, tempo e atmosfera. O espaço inspira os artistas, que por sua vez recriam o espaço. É um lugar de encontros. Após se conhecerem no Mica Moca, dois artistas que nunca tinham se visto antes montaram uma performance para apresentar na semana seguinte. E por que não?

O Mica Moca está incentivando e mostrando artistas que ficarão órfãos quando o projeto terminar. Esse foi o tom da carta aberta enviada ao prefeito e secretário da cultura de Berlim, Klaus Wowereit. Em resposta ao apelo do Mica Moca, o candidato (e favorito) à reeleição enviou um representante para dialogar com os organizadores. Mas nada foi acertado, além da promessa de uma ajuda política através de cartas e recomendações para que eles possam encontrar um novo espaço para o projeto em Berlim.

No entanto, segundo Christophe Knoch, o projeto não está associado a uma única cidade. Por que não levar o Mica Moca a Varsóvia, São Paulo, Buenos Aires ou Salvador? Nossa conversa terminou com um cafezinho e Christophe se declarando fã de Jorge Amado. Quem sabe em 2013, ano da Alemanha no Brasil, o Mica Moca possa aterrissar em terra tupiniquim?

Em quatro meses, o Mica Moca já recebeu proposta de quase mil artistas, projetos e coletivos

| SEGUNDA-FEIRA | TERÇA-FEIRA | QUARTA-FEIRA | QUINTA-FEIRA | SEXTA-FEIRA | SÁBADO | DOMINGO |
|---------------|---|-----------------|---|----------------|--------------------|----------------|
| Felipe Hirsch | PELO MUNDO Cristina Ruiz, de Berlim | Francisco Bosco | PELO MUNDO Eduardo Graça, de Nova York Eduardo Levy, de Los Angeles | Hermano Vianna | José Miguel Wisnik | Caetano Veloso |